

MERCADO BRASILEIRO DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS

Juliana Rolim Salomé

PqC do Pólo Regional do Centro Sul/APTA

julianarolim@apta.sp.gov.br

A produção e a comercialização de flores e plantas ornamentais no Brasil começou em escala comercial na década de 30, quando imigrantes japoneses se estabeleceram na região de São Paulo. Na década de 70 entraram os imigrantes holandeses, que deram um impulso maior à comercialização, implantando um sistema de distribuição pelo país inteiro. Até 1988 o mercado teve um crescimento vegetativo e uma atuação comercial baseada em centros regionais de comercialização tais como os CEASAS e empresas de distribuição que atendiam a todo país. A partir de 1989 surge o Veiling Holambra que representou uma transformação substancial no mercado e acabou influenciando o comportamento e as práticas do setor. Atualmente a produção nacional é voltada basicamente para o mercado interno, sendo que nos últimos anos diversos pólos regionais vêm sendo formados (Motos, 2000).

Conforme Bongers (2000), a floricultura brasileira começou a se destacar como atividade agrícola de importância econômica há mais de 20 anos, mas foi nos últimos 10 anos que se verificou um crescimento significativo da oferta de alguns produtos da floricultura e do paisagismo, em função da opção de produtores, situados próximos de importantes centros de consumo, de entrar nesta atividade na busca de uma alternativa rentável para suas pequenas propriedades rurais. Ainda segundo Bongers (2000), com o desenvolvimento de pesquisas próprias e incremento à produção, a floricultura está se tornando uma nova realidade econômica.

O Brasil tem grandes chances de se tornar um significativo produtor e exportador de flores e plantas ornamentais no cenário mundial, porém há desafios a serem vencidos e que representam a utilização da aplicação de tecnologias avançadas nos sistemas de produção, uso de material genético adequado, treinamento e capacitação da mão de obra,

profissionalismo nas áreas gerencial, comercial, de logística e distribuição, explorações das aptidões regionais, organização das estruturas comerciais e incentivos a tecnologias de embalagem e pós-colheita.

A análise detalhada de cada segmento, de acordo com Castro (1998), permite concluir que o mercado ainda é extremamente amador para o tamanho que representa. Ao nível de atacado, ainda prevalecem as chamadas linhas de entrega, onde o fornecedor atende o varejista no sistema porta a porta. Considerando o nível de negócios por loja e as dimensões do país, esse sistema é claramente ineficiente e sem qualidade. Talvez pelo pequeno investimento do atacadista, esse se manteve exclusivo até agora, inibindo os “cash & carry” e outros tipos de Centrais Regionais de Distribuição.

Quanto ao varejo, segundo Castro (1998), este acompanha o perfil do atacadista compondo-se, basicamente, de pequenas lojas (50 a 100m²) que em parte são pouco profissionalizadas. Devido ao pequeno capital a investir, o varejo de flores tem atraído um grande número de empreendedores que, por não conhecerem o mercado, acabam fechando. Nesta área a previsão é de que o auto-serviço deve entrar com força, principalmente em termos de supermercados e “garden centers”. As lojas de flores devem evoluir para lojas de conveniência, de presentes ou para redes de franquias.

Contudo ainda falta para o setor em geral, uma estratégia de marketing clara e objetiva de forma a sensibilizar e induzir o consumidor a comprar mais flores e plantas.

A situação atual brasileira

No segmento de flores o consumo anual per capita médio está em torno de R\$ 8,00 a R\$ 9,00, o que representa um mercado visivelmente pouco explorado, mesmo quando não se compara com o consumo de países desenvolvidos. Anteriormente a 1994, com o mercado fechado e uma alta inflação não era necessário muito tino empresarial para fazer sucesso. A improdutividade era disfarçada e o mercado era indubitavelmente de demanda, colocando o varejo numa posição confortável. De 1994 até nossos dias passamos a sentir o que significa uma economia de mercado. A globalização desfez barreiras e os produtos importados chegaram com grande impacto, gerando desemprego e estimulando muitas pessoas a abrirem seu próprio negócio. Este movimento trouxe para o mercado pessoas nem sempre

bem preparadas, não apenas no negócio de flores, mas de um modo geral para o gerenciamento de uma loja de varejo (Bongers, 2000).

Com o Plano Real (1993) os segmentos do varejo mudaram sua postura na busca de resultados, criando mais concorrência no segmento de presentes. A importação de produtos de baixo valor, originários principalmente da Ásia (além de flores artificiais), completou a cena, transformando a situação para um mercado de oferta (Bongers 2000).

O ganho de rendimentos das classes mais baixas fez surgir um grupo com grande desejo de experimentar diferentes produtos e ao mesmo tempo provar o status de estar comprando produtos com uma imagem de alto valor agregado, como são as flores e plantas até hoje.

O Brasil atual, ainda segundo Bongers (2000), tem de um lado um enorme mercado que é competitivo e pode crescer até quatro vezes nos próximos anos, mas de outro lado, um mercado ainda muito imaturo, que necessita de coordenação e orientação para crescer.

Produção Brasileira e sua Distribuição

A produção brasileira de flores e plantas ornamentais¹ em termos de área cultivada, está distribuída principalmente, nos Estados de São Paulo (6.480 ha estimados), Rio Grande do Sul (810 ha aproximadamente), Santa Catarina (450 ha aproximadamente), e totaliza junto aos outros estados, uma área de aproximadamente 9.000 ha. Mais de 7.000 produtores (CENSO,2002) respondem por negócios em torno de R\$ 500 milhões (em 2002) e 10.000 pontos de vendas, atuando ao nível de varejo, na ordem de R\$ 1,5 bilhão, (Kiyuara, 2004). Em São Paulo a floricultura evoluiu consideravelmente nas últimas décadas, passando a ser reconhecida como uma atividade de importância econômica. A atividade tem caráter intensivo predominando, conforme a região de produção, o cooperativismo ou o associativismo.

A produção no Estado de São Paulo é desenvolvida em cerca de 1465 propriedades, cerca de 1.465 (CENSO,2002), com área média cultivada de 4,5 ha e de produção familiar, conforme os dados do Diagnóstico da Floricultura do Estado de São Paulo (Arruda et al. 1996). O varejo é o segmento que envolve o maior número de trabalhadores do setor de flores, existindo aproximadamente 2.500 estabelecimentos que empregam 12.500 pessoas.

De acordo com Arruda et al. (1996) do total da área cultivada, 65% é de cultivo em céu aberto, 3% de cultivo sob telado e 32% sob estufas. A maior parte das flores e folhagens para corte é cultivada sob estufa. As espécies que mais predominam são os crisântemos, a gipsofila, a rosa, as orquídeas, o lisiantus, o gladiolo, os lírios e as gérberras. Dos cultivos de flores e plantas ornamentais em vasos 85% estão sob estufa.

As principais espécies em cultivo envasado são os crisântemos, a violeta africana, a primula, a azaléia, a gloxínia, a poinsetia, as orquídeas, samambaias e aráceas; já bulbos e mudas na sua maioria são produzidos a céu aberto. A maior parte dos municípios que desenvolvem a floricultura como atividade comercial, situa-se a uma distância média de até 100 Km da cidade de São Paulo. As regiões que sobressaem são Holambra, Atibaia, Ibiúna, Cotia São Roque, Arujá, Mogi das Cruzes. Também municípios dos Vale do Paraíba Ribeira e Paranapanema.

As associações e cooperativas presentes são Veiling Holambra, Cooperativa Agrícola Flores de São Paulo (SP Flores), Associação dos Floricultores da Região da Dutra (AFLORD), Associação dos Produtores de Flores, Plantas e Mudas Ornamentais e Frutíferas do Vale do Paraíba (AFLOVAR), Sincomflores e Próflor.(Castro, 1998, Kiyuara et al,2004).

No Estado de Minas Gerais a floricultura apresenta uma área cultivada de 360 ha e conta com aproximadamente 637 produtores. É mais presente nas regiões de Barbacena, Juiz de Fora, São João Del Rei, Belo Horizonte, Congonhas, Mateus Leme, Diamantina, entre outras. Dados de 1996 apontam a predominância de cultivos de flores e folhagens para corte, produzidas tanto a céu aberto (57% da área) como em estufas (42%). A céu aberto destacam-se rosas, hortências, gladiolos, gipsofilas, estrelícias e dracenas. Em estufas são produzidos crisântemos, rosas, orquídeas, cravos e alstroemeria, todas para corte das flores. O segmento de mudas para jardim ocupa 14% da área cultivada. A associação presente neste estado é a AMIFLOR- Associação Mineira de Floricultura e ABARFLORES (Castro, 1998, Kiyuara et al,2004)

Segundo o IBRAFLOR no Estado do Rio de Janeiro a produção principal é encontrada nas proximidades da própria capital (Guaratiba, Jacarepaguá, Niterói, Saquarema, Itaboraí, São Gonçalo e Campo Grande), sendo produzidas folhagens e flores de corte de origem tropical e plantas para paisagismo. Perto de Volta Redonda, Barra Mansa e Parati são produzidas plantas para jardins e folhagens tropicais e na região serrana (Petrópolis, Teresópolis, Friburgo, Sumidouro e Bom Jardim), rosas, crisântemos, gladiolos, gipsofila, cravos, lírios, antúrios, bromélias e plantas para jardins (Castro, 1998). A área cultivada com flores e

plantas ornamentais é de 270 ha e possui 358 produtores envolvidos nesta atividade. Há no Estado a Associação dos Produtores e Profissionais de Plantas e Flores do Estado do Rio de Janeiro, além da Sociedade Brasileira de Bromélias e a PLANTA RIO.

No Rio Grande do Sul encontra-se 1.445 propriedades (CENSO 2002), ocupando uma área total de 810 ha, o equivalente a 9% da produção nacional. Grande parte dos produtores está localizada em São Sebastião do Caí, Santa Cruz do Sul, Vacaria, Monte Negro, Farroupilha, Porto Alegre, entre outros. As atividades de produção empregam 3,7 pessoas/ha, sendo 38 % referente a mão de obra familiar. O volume produzido no Rio Grande do Sul corresponde a 10% do volume nacional. Apenas 4% dos produtores dedicam-se também a exportação, destacando-se, entre os produtos exportados, as rosas para Alemanha, mudas de crisântemos e gerânio para Itália e de orquídeas para o Japão (Castro, 1998).

Em Santa Catarina há 397 produtores (CENSO 2002), que contribuem com 5% da produção nacional. A floricultura encontra-se instalada nas regiões de Joinville, Campo Alegre, Indaial, Blumenau, São Bento do Sul, Biguaçu e Corupá, com produção de mudas para jardins (65% da área cultivada, flores de corte 4%, plantas envasadas 5,5% e grama. Uma das maiores associações deste Estado é a APROESC- Associação dos Produtores de Plantas Ornamentais de Santa Catarina em Joinville e MERCAFLOR (Kiyuara, 2004).

No Paraná as propriedades são pequenas, com áreas de produção variando entre 0,2 a 0,5 ha, totalizando 270 ha de cultivo, sendo estes efetuados parcialmente em estufas, em viveiros e telados e a céu aberto. Na região de Curitiba, predomina a produção de plantas e forrações para paisagismo, com os produtores mantendo viveiros para a produção de mudas e vendendo para os "garden centers", floras ou diretamente para os consumidores finais. Já no Norte do Paraná há a produção de crisântemos de corte e de vaso, violetas, kalanchoes, além de algumas outras culturas em menor dimensão, como tango, áster, rosas e plantas verdes (Castro, 1998). Neste estado podemos encontrar as associações AGRAFLORES, MERCOFLOR e APAFLOR – Associação Paranaense de Floricultura, Paisagismo e Jardinagem (Kiyuara et al. 2004).

Na região nordeste do Brasil há aproximadamente 1.766 produtores de flores e plantas ornamentais responsáveis por 180 ha. Caracterizando alguns estados; em Pernambuco, por exemplo, a produção se concentra nas regiões de Recife e Paulista, Garanhuns, Gravatá, Bonito, Barra do Guabiraba, Caruaru e Petrolina. Na Zona da Mata estão localizados os produtores considerados profissionais que cultivam flores e folhagens tropicais como helicônias, alpinias, antúrios, gengibres ornamentais, orquídeas terrestres, calateas e bastão

do imperador, entre outras. Nas regiões mais altas, como Gravatá, Bonito e Barra do Guabiraba, estão localizados os produtores de flores e plantas tradicionais, caso de floríferas envasadas como crisântemo, kalanchoe e poinsetias, flores de corte, como crisântemo e rosa, e bulbos de amarílis. Em Petrolina são produzidas flores de corte tropicais e rosas. Uma das associações existentes é a FLORAPE. (Castro,1998)

O Estado de Alagoas começa a se destacar no país como produtor de flores tropicais, principalmente para helicônias, alpínias, bastão do imperador e folhagens. A produção está concentrada nas cercanias de Maceió, em propriedades com característica familiar, mas já existe comercialização nas capitais dos Estados próximos e em mercados do Estado de São Paulo. A AFLORAL- Associação dos Produtores de Flores e Plantas Ornamentais Tropicais do Estado de Alagoas reúne mais de 40 produtores locais.

Segundo Bezerra & Paiva (1997) no Ceará existem dois pólos de produção: a região do Cariri, na Serra de Ibiapaba (Ubajara), produtora de flores de corte com destaque para as rosas, e a região do maciço de Baturité, nos municípios de Redenção, Baturité, Guaramiranga e Pacoti, localizados a uma distância máxima de 120 Km de Fortaleza, sendo responsáveis pela produção de flores tropicais (helicônias, antúrios, copo-de-leite, samambaias, ananás de corte, além do crisântemo de corte e de vaso. Os produtores do Estado associam-se ao ACEFLOR- Associação Cearense de Floristas e a AFLORAR- Associação Cearense de Floricultores.

A Bahia com aproximadamente 658 produtores de flores e plantas ornamentais (CENSO, 2002), de acordo com Bongers (2000), já manifestou interesse em incentivar e desenvolver a produção de flores e plantas ornamentais. Dentro das diferentes condições edafoclimáticas existentes no estado, podem-se considerar as seguintes regiões: a região da Zona da Mata no litoral do estado, na qual há uma pequena produção de flores de crisântemos, rosas, flores e folhagens tropicais; na região da Chapada Diamantina, que conta com clima ameno e altitude em torno de 1000 m, onde existe uma pequena produção de rosas e de angélicas, que são comercializados no mercado de Salvador. Na Chapada Diamantina existe uma região muito propícia para a implantação de sistemas de reprodução de mudas, bulbos e sementes em função do seu isolamento físico através de sua cadeia de montanhas e por sua localização próximo a linha do Equador, o que proporciona uma luminosidade regular. Há também a atividade extrativista de flores silvestres nativas.

A região do Centro Oeste brasileiro, apresenta 90 ha cultivados com flores e plantas, representando 1% da produção nacional. Goiás como exemplo, tem características

específicas quanto ao negócio de flores e plantas ornamentais. Como é um estado que tem extensas áreas de cerrado, possui ainda um acervo de espécies vegetais a serem domesticadas e produzidas em escala comercial, e que podem ser muito interessantes para a diversificação dos produtos ofertados (Bongers, 2000). A floricultura encontra-se nas proximidades de Goiânia e vem empregando tecnologia de produção aprimorada, visando superar os obstáculos correlatos às condições edafo-climáticas regionais. Destaca-se nessa região, tanto a produção de forrações como a de plantas tropicais e floríferas envasadas como crisântemo (Castro, 1992).

No Distrito Federal existem cerca de 35 produtores (CENSO,2002), estabelecidos nas cidades satélites de Brasília, como Sobradinho, Taguatinga e Ceilândia. Os produtores são pequenos e tem pouca tecnologia de produção. Recebem alguma assistência técnica dos fornecedores de mudas, sementes e insumos. Parte destas culturas é desenvolvida à céu aberto e parte em estufas, (Bongers, 2000). A produção visa abastecer o mercado regional e está concentrada em crisântemo de vaso e de corte, rosas, gipsofila, tango, áster, angélica, cactos e plantas e forrações para o paisagismo.

Por último temos a região do Norte do Brasil, que representa apenas 1% da produção nacional, com 90 hade produção e 156 produtores.

Referências

ARRUDA, S.T; OLIVETE, M.P.A; CASTRO, C.E.F. Diagnóstico da floricultura do Estado de São Paulo. Revista Brasileira de Horticultura Ornamental. Campinas, v.2, n. 2, 1996. 1-18 p.

BEZERRA, F.C; PAIVA, W.O; Perfil tecnológico da produção de flores na região do maciço de Baturité-Ceará. Fortaleza: EMBRAPA-CNPAT, 1997. 32p.

BONGERS, F.J.G. Informativo IBRAFLOR. Holambra, 2000.1-10 p.

CASTRO, C.E.F. A floricultura no Brasil. In: CASTRO, C.E.F. et al. Manual de Floricultura. Maringá: Universidade Estadual de Maringá. 1992. 1-11 p.

CASTRO, C.E.F. Cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais. Revista Brasileira de Horticultura Ornamental. Campinas, v.4, 1998. 46 p.

CENSO AGROPECUÁRIO 1995-1996. Tabulação especial. Rio de Janeiro:IBGE, 2002.

KIYUNA, I.; FRANCISCO, V.L.F.S.; COELHO, P.J.; CASER, D.V.; ASSUMPÇÃO, R.; ANGELO, J.A. A floricultura brasileira no início do século XXI; perfil do produtor. Informações Econômicas, SP, v.34, n.4, abr.2004.

KIYUNA, I.; FRANCISCO, V.L.F.S. Floricultura no estado de São Paulo: novas fronteiras. Informações Econômicas, SP, v.34, n.6, jun.2004.

MOTOS, J.R. Apostila “Flor de Corte”. Holambra, 2000. 1-7 p.

IBRAFLOR, 2002..Perfil do setor. Disponível em: <http://www.aprendendoaexportar.gov.br>

Nota

[1] Os dados aqui apresentados foram realizados baseados em ajustes do Relatório do Ibraflor de 2002 (<http://www.aprendendoaexportar.gov.br>), dados do Censo de 2002 e Kiyuna et al.,2004.